

*Planejamento em
música: estudo do
discurso de um professor
da educação básica*

Julielle Rates Pereira

O presente estudo tem por objetivo entender como o professor de música planeja suas aulas, destacando como são suas escolhas de conteúdo, de atividades, repertório e métodos de avaliação. A pesquisa foi desenvolvida com um professor de música de uma escola estadual da cidade Goianira-GO, por meio de uma entrevista semiestruturada. A análise mostrou que, no caso estudado, há uma lacuna na estruturação de currículo, bem como a ausência do uso do Projeto Político Pedagógico. O professor afirma realizar dois planejamentos: um para o cumprimento das normas burocráticas da escola e outro para seu uso. Por sua vez, a visão do mesmo sobre a escolha de conteúdos, repertório, atividades, bem como a função que a música deve exercer na escola mostrou-se muito coerente com seu papel de educador. No estudo realizado, percebe-se que o processo de planejamento didático revelou um significado pedagógico questionável, já que o modelo utilizado para registro não satisfaz as necessidades do professor. A pesquisa sugere mais estudos sobre o registro, a reflexão e a elaboração do planejamento.

Palavras-chave: Planejamento; Escola; Professor de Música.

Introdução

O processo de planejamento didático é sempre citado e estudado na formação dos cursos de licenciatura. Inúmeros textos, atividades e exercícios são oferecidos na tentativa de preparar o futuro professor para a prática docente. Pela experiência vivenciada no curso de Licenciatura em Música, por sua vez, vê-se um trabalho especialmente direcionado ao planejamento de aulas nas disciplinas de estágio supervisionado. Nesse contexto, esta pesquisa nasceu dos questionamentos e dificuldades que surgiram durante as atividades de estágio, que estavam substancialmente ligadas ao processo de planejamento didático, tais como escolha de conteúdos, atividades e repertório.

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o ato de planejar na perspectiva de um professor de música atuante no ambiente escolar. O objetivo é compreender como esse professor planeja, destacando como são suas escolhas de conteúdo, atividades, repertório e métodos de avaliação. Este trabalho também elenca princípios sobre

a sistematização, elaboração e estruturação do planejamento, bem como de seu registro.

A pesquisa pode ser uma importante auxiliar na busca por entender como esse assunto vem sendo tratado na prática pedagógica dos profissionais atuantes na escola. Os elementos que compõem o planejamento estão diretamente relacionados à formação do aluno e a função que a música pode desempenhar nessa formação. Além disso, a pesquisa pode ser o início de uma reflexão sobre um planejamento em música mais consciente de seu papel diante do processo de ensino e aprendizagem.

A seguir, serão apresentados os autores e estudos que tratam do planejamento didático. O leitor encontrará também a análise de dados obtidos na entrevista, com todos os elementos importantes relacionados aos objetivos da pesquisa, além das considerações finais sobre essas informações.

Considerações sobre o planejamento didático

No Brasil, o planejamento escolar foi amplamente difundido na década de 60, período em que planejar passou a ser atividade obrigatória para se trabalhar em escolas. Os modelos que vigoraram eram fruto dos esforços do governo e do ramo empresarial, e mostraram-se “autoritários e sem adequação para as necessidades diversas que a sociedade apresentava” (GANDIN; CRUZ, 2014, p. 11). Dada a falta de preparo, experiência e reflexão sobre o assunto, viu-se surgir o modelo de “preenchimento de quadrinhos” que até hoje prevalece, retratado por Gandin e Cruz (2014, p. 12) e que contempla, de maneira geral, os seguintes itens: conteúdos, objetivos, estratégias, recursos, avaliação e observação. Esse modelo vem sofrendo críticas, dada a sua impossibilidade de aceitar reflexões sobre o que e como fazer em sala de aula. Gandin (2013) aponta, inclusive, que o processo de planejamento tem se tornado “doloroso e ineficaz” já que boa parte desses planos é “arquivada, quase nunca executada, lida ou reavaliada”.

De acordo com Libâneo (2001), o planejamento deve guardar intencionalidade educativa, pois procura compreender o processo de ensino e aprendizagem, estando carregado de valores, atitudes e maneiras de agir de quem o realiza. Assim, não se pode reduzir o ato de planejar apenas à elaboração de planos; é preciso compreendê-lo

como um processo de constante ação e reflexão.

O planejamento escolar necessita atender às seguintes funções: diagnóstico e análise da realidade da escola; definição de objetivos e metas; determinação de atividades e tarefas a serem desenvolvidas e, ainda, a avaliação dos processos e resultados previstos (LIBÂNEO, 2001, p. 124). Assim, o planejamento deve ser entendido como um ato processual, no qual a prática é antecipada, sem, contudo, enrijecer a aplicação e os resultados.

Gandin e Cruz (2014) também enfatizam a necessidade de se compreender o planejamento na perspectiva do Projeto Político Pedagógico, já que esse deve ser o centro do processo educativo. Para os autores, “não há processo educativo que se efetive sem um projeto social condutor [...]” sendo que “todo esforço educacional deve propor um futuro humano” (p. 20). De acordo com Silva (2003), o Projeto Político Pedagógico:

é um documento teórico-prático que pressupõe relações de interdependência e reciprocidade entre os dois polos, elaborado coletivamente pelos sujeitos da escola que aglutina os fundamentos políticos e filosóficos em que a comunidade acredita e os quais deseja praticar; que define os valores humanitários, princípios e comportamentos que a espécie humana concebe como adequados para a convivência humana; que sinaliza os indicadores de uma boa formação e que qualifica as funções sociais e históricas que são de responsabilidade da escola. (SILVA, 2003, p. 296).

Assim, de acordo com Veiga (1995, p. 14) “é preciso entender que o projeto político-pedagógico da escola dará indicações necessárias à organização do trabalho pedagógico, que inclui o trabalho do professor na dinâmica interna da sala de aula”. Assim, percebe-se que o processo do planejamento didático inicia-se nesse documento.

O planejamento sob a ótica da educação musical

No tocante à educação musical, Hentschke e Del Ben (2003) indicam que o planejamento deve estar pautado em questões como: os elementos presentes na música, refletindo sua preocupação com os conteúdos; as formas de se vivenciar música, ou como se aprende

música, que remete aos métodos e atividades que o professor deve escolher; o que se pretende com o ensino da música na escola e o porquê desse ensino, que estão diretamente relacionadas aos objetivos que se pretende alcançar com essa intervenção.

Romanelli (2009) acrescenta a necessidade de se conhecer o ambiente e os alunos com os quais irá lidar, na tentativa de propor um plano de ensino e um plano de aula condizentes com a realidade do ambiente escolar. Esclarece que os objetivos de um planejamento devem anteceder sempre os conteúdos, pois eles permitem a possibilidade de se antecipar os resultados. O autor destaca ainda a necessidade de um plano de aula que contemple todos os elementos formais: “objetivos, conteúdo, procedimentos metodológicos, recursos didáticos, avaliação e referencial teórico” (p. 130), afirmando que “é apenas por meio de um planejamento bem estruturado que se promove educação musical de qualidade.” (p. 136).

As alegações de Penna (2012) corroboram com os demais autores ao salientar a necessidade de se pensar no “como ou modo de ensinar”.

É através do modo de ensinar que podemos selecionar e organizar conteúdos de acordo com a capacidade cognitiva e os interesses de nossos alunos; planejar atividades que motivem a turma e, ao mesmo tempo, permitam o desenvolvimento de suas habilidades/capacidades; empregar os recursos disponíveis, mesmo que limitados, em função do processo educativo etc. (PENNA, 2012, p. 14).

Seu discurso trata essencialmente do processo de planejamento, como ele deve ser entendido e sistematizado. A autora ainda indica que o comprometimento com esse modo de ensinar está diretamente relacionado com o papel que o professor desempenha na instituição de ensino. No que diz respeito à música, não é incomum encontrar professores reprodutores de métodos e de materiais didáticos criados por terceiros. Assim, Penna (2012) enfoca que o professor necessita posicionar-se de forma reflexiva, de modo a avaliar constantemente o processo de ensino e aprendizagem, atentando-se aos seus objetivos e suas possibilidades, verificando e flexibilizando os métodos de forma a alcançar a concepção de música que busca defender.

As contribuições das pesquisas para o estudo do planejamento

Dentro da perspectiva do planejamento didático em educação musical, faz-se necessário analisar aspectos relacionados à presença da música na escola de educação básica e como esse fenômeno tem se mostrado nas pesquisas realizadas até então. Desse modo, foram selecionados trabalhos que se dedicam a abordar elementos essenciais para o entendimento do processo de consolidação da música como um componente curricular e como essa disciplina é discutida à luz do planejamento didático.

O processo de escolarização da música é retratado na pesquisa de Puerari (2011), que utiliza os conceitos de escolarização e cultura escolar para analisar as dimensões que envolvem esse procedimento, tendo como base a ótica de uma professora de educação básica. A pesquisa mostrou-se de grande valia para a compreensão das etapas do planejamento didático, já que Puerari destaca que transformar a música em objeto de ensino da escola exige organização e seleção de conteúdos, que atendam a determinados objetivos e finalidades, por meio de estratégias de ensino afinadas com tais propósitos.

A pesquisa aponta para a complexidade de elementos que se relacionam diretamente ao processo de planejamento. Levanta discussões acerca dos critérios para escolha de conteúdos, repertórios e atividades das aulas de música, os modos pelos quais esses conteúdos são organizados, bem como os desafios encontrados pela professora em sua prática docente. Seus resultados indicam que o processo de escolarização da música perpassa por inúmeros aspectos, tais como formação acadêmica do professor, a experiência do mesmo como músico e como estudante de música, a organização e legislação escolar, materiais disponíveis, limites e possibilidades do alunado.

No que diz respeito ao planejamento em música, pode-se destacar a pesquisa de Mateiro e Teo (2003), que buscou investigar o processo de planejamento didático realizado no estágio supervisionado. Para tanto, os autores fizeram uso do discurso de três estagiárias do curso de Educação Artística, com Habilitação em Música, da Universidade do Estado de Santa Catarina, obtido por meio do relatório de estágio. Nesse estudo o planejamento é tratado como um importante instrumento de reflexão e análise do trabalho docente, haja vista que

é nele que se encontra a antecipação do processo pedagógico, bem como as concepções de ensino de quem o constrói. O trabalho analisa elementos que compõem o planejamento, tais como critérios para escolha de conteúdos, o conhecimento e a compreensão do ambiente no qual a atuação ocorrerá, os conflitos teórico-práticos pelos quais passaram as estagiárias, além de fornecer algumas perspectivas quanto à práxis pedagógica dessas futuras professoras. A pesquisa mostrou-se de grande relevância por levantar reflexões acerca do planejamento sob a ótica de futuros professores, que encontram no exercício desse processo o sentido para sua prática pedagógica.

Em paralelo a esses estudos, a pesquisa de Russell (2005), propõe analisar as estratégias de gestão de sala de aula da professora Betty Jo, que, segundo a autora, pertence a um grupo o qual denomina “educadores musicais peritos”, termo utilizado para descrever professores de música com grande habilidade para organizar e colocar em prática aulas de música dinâmicas, eficientes e interessantes. Sua pesquisa descreve uma aula de trinta minutos para uma turma de 1º ano na cidade de Montreal, Canadá, na qual se pode perceber uma série de práticas pedagógicas que possibilitam o engajamento dos alunos nas atividades desenvolvidas pela professora. A intersecção da pesquisa de Russell com o presente trabalho se dá na análise da aula de Betty Jo quanto à sua estrutura, noção de objetivo e sintonia com os conteúdos e atividades apresentadas pela professora em sua aula. Russell salienta a importância do planejamento, pautado na conexão entre conteúdo e objetivos, além de uma boa estruturação da aula, para o sucesso das práticas pedagógicas realizadas por esses educadores musicais peritos.

Definindo a metodologia e o sujeito da pesquisa

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, entende-se que a abordagem qualitativa mostra-se como a mais apropriada, já que nela o processo interpretativo é privilegiado, sendo as análises predominantemente subjetivas (FREIRE, 2010). Desse modo, essa modalidade atende às necessidades desse estudo, já que seu foco principal está na análise do pensamento de um indivíduo. De acordo com Oliveira (2008), a abordagem qualitativa é um processo de análise e reflexão mais aprofundada da realidade do objeto de estudo.

Como técnica de coleta de dados, foi escolhida a entrevista, na qual é possível obter não apenas informações como também uma construção de significados sobre o tema pesquisado (SAMPIERI, et al., 2013). A pesquisa foi realizada com o professor de Música atuante na Escola Estadual Machado de Assis¹, na cidade de Goianira, região metropolitana de Goiânia. A referida escola foi escolhida por ter um professor atuante na disciplina de música, fato raro nessa cidade.

Em conversa informal, o mesmo se prontificou a participar da pesquisa. A escola, por sua vez, aceitou ceder o espaço para a entrevista, realizada durante os intervalos de aula do professor. A modalidade escolhida para a entrevista foi a semiestruturada, na qual o pesquisador utiliza o roteiro apenas como base, com liberdade de elaborar perguntas complementares, na medida em que os assuntos vão sendo abordados (SAMPIERI, *et al* 2013). Essa modalidade permitiu uma maior liberdade no tratamento dos temas propostos. A entrevista foi gravada em áudio e o roteiro encontra-se no apêndice.

Após a transcrição dos dados, foram identificadas e analisadas as seguintes categorias: Elaboração e estruturação do planejamento; os itens que compõem o planejamento e o planejamento na visão do professor.

Sobre professor Carlos

O professor Carlos é recém-formado do curso de licenciatura em Violão pela Universidade Federal de Goiás, continuando a sua formação com um curso de mestrado na subárea música, criação e expressão pela mesma universidade.

Sua experiência musical permeia os palcos da cidade de Goiânia, onde atuou como músico free lance para duplas locais e também como integrante de bandas, além de ter trabalhado como músico de estúdio gravando violão e guitarra para duplas sertanejas e cantores gospel, atividades às quais ele não mais se dedica por conta do curso de mestrado.

Na área da educação musical, sua experiência baseia-se no período de estágio desenvolvido no curso de violão, atuando como professor de uma escola pública na cidade de Goiânia. Também trabalhou como professor de aulas particulares de violão e guitarra. Esse ano, passa por sua primeira experiência como professor regente,

¹Nome fictício.

assumindo a disciplina de música em duas escolas estaduais da cidade de Goianira. Como esclarecido, tratar-se-á a seguir das informações referentes à Escola Estadual Machado de Assis.

Análise do discurso do professor

O processo de elaboração e estruturação do planejamento

Durante a entrevista o professor trata de informações extremamente relevantes para se compreender como ocorrem a construção, a estruturação e a consolidação do seu planejamento em música para a Escola Estadual Machado de Assis. Primeiramente, o professor indica que não há um currículo base para a disciplina de música afixado pela secretaria de educação do estado de Goiás, como ocorre com as outras disciplinas. É disponibilizado apenas um currículo sugerido pelo grupo Ciranda da Arte² que indica conteúdos e objetivos possíveis. Não há, portanto, uma recomendação geral de objetivos mínimos que precisam ser abordados. Desse modo, percebe-se que o professor de música tem a responsabilidade de construir e organizar sua disciplina do modo como a interpreta. Nas pesquisas de Puerari (2011), encontram-se dados muito próximos à presente pesquisa, no que se refere à falta de orientação curricular, organização e sistematização de conteúdos para a educação musical nas escolas, obrigando os professores a definirem por conta própria e de forma solitária o que e de que forma lidar com a disciplina de música.

O professor Carlos ainda conta que, para a estruturação de seu currículo e conseqüentemente de seu plano de ensino, contou com o material disponibilizado pelo professor anterior, adaptando-o às suas necessidades e as da escola, afinal, conforme Penna (2012, p. 22, grifos do autor) dominar **o que** se ensina não é suficiente para um verdadeiro processo educativo, o **como** – a que necessariamente tem de se articular – deve ser encarado de modo dinâmico, e nunca como uma ‘receita’ pronta”.

Entretanto, quando perguntado se utilizou o Projeto Político-Pedagógico da escola para realizar essa adaptação, o professor afirma que não obteve nenhum contato com o material. Esse fato destoa

²O Centro de estudos e pesquisa Ciranda da Arte é um órgão da secretaria de educação do estado de Goiás, responsável pela formação continuada dos professores das áreas de Artes das unidades escolares estaduais, entre outras funções. Disponível em: <http://cirandadaarte.com.br/site2/>

de afirmativas importantes feitas por Gandin e Cruz (2013, p. 20), indicando que “o centro do processo educativo deve ser sempre o projeto político pedagógico”, já que esse documento oferece um ponto de partida, um horizonte que conduz à prática pedagógica.

Quanto à estruturação dos conteúdos para cada ano, o professor destaca que agrupa seu trabalho em dois blocos de conteúdos: um para os 6º e 7º anos, procurando trabalhar conteúdos relativos aos conhecimentos musicais (ritmos, notas, alturas) e outro para os 8º e 9º anos, nos quais procura tratar da “formação auditiva crítica” desses alunos. De acordo com o professor, para construir essa base é preciso fazer testes; observar o que teve êxito e prosseguir, assim como modificar ou eliminar o que não funcionou.

Tendo definido como se estrutura a disciplina de música na Escola Estadual Machado de Assis e como o professor compõe esses aspectos, pode-se agora tratar dos planejamentos de aula. Sobre a elaboração de seus planos, o professor afirma levar em consideração a realidade de cada turma, assegurando que cada ano possui as suas peculiaridades. Puerari (2011) destaca que não se pode delimitar uma única maneira de se ensinar música na educação básica, já que cada escola é construída por realidades, professores e alunos únicos e que a escolarização da música deve acontecer de acordo com as necessidades e possibilidades do ambiente escolar.

Na escola Machado de Assis, o professor Carlos trabalha dez horas/ aula por semana, cumpridas em apenas um dia, dividida entre cinco turmas do turno matutino e cinco do turno vespertino. Para o professor, esse é um ponto de destaque, já que isso pode dificultar bastante um trabalho contínuo de atividades e conteúdos. Portanto, afirma que procura fazer atividades curtas, que durem apenas uma aula, para que esse espaço de tempo “tão longo” entre uma aula e outra não atrapalhe o andamento disciplina.

No que se refere à formalização do planejamento, o professor Carlos conta que tanto a escola quanto a Secretaria de Educação do Estado de Goiás, exigem que esse planejamento seja entregue e arquivado. Todos os professores do estado necessitam utilizar-se de um modelo de planejamento disponibilizado pelo órgão público, que é preenchido quinzenalmente e entregue para a coordenação pedagógica para devida verificação e correção. O modelo aparece como uma tabela e contempla as seguintes discriminações: identificações

(escola; ano, disciplina; professor; período de validade do plano); eixo temático que guia essa matéria; número de aulas que aquela disciplina terá no período de quinze dias; e, para cada aula prevista, expectativas de aprendizagem, conteúdo programático, estratégias de ensino, recursos e avaliação. Dessa forma, o planejamento é realizado aula a aula, nas quais o professor deve preencher os espaços com suas indicações, sendo que nos itens “recursos” e “avaliação”, o professor deve apenas marcar um X nos espaços equivalentes ao que ele pretende utilizar. Gandin e Cruz (2014) criticam esse modelo ao afirmar que “os professores foram levados a preencher quadrinhos e chamar isso de planejamento” (p. 11) e que “tal ‘modelo’ não permite o planejamento de qualquer tipo: ficaram apenas algumas palavras, mal concatenadas, que já não constituem um instrumento útil” (p. 12).

Os itens que compõe o plano de aula

O professor Carlos expõe de maneira clara a sua visão sobre a função da música na escola quando questionado sobre os objetivos que ele como professor da disciplina pretende alcançar quando pensa sua aula. De acordo com ele, sempre se espera um mínimo de aprendizado por parte dos alunos quando abordado determinado conteúdo. Nos exemplos dados, o conteúdo ministrado por Carlos é “ritmos brasileiros”, trabalhado com 8º e 9º anos. O professor espera com esse conteúdo proporcionar experiências musicais suficientes para que os alunos consigam compreender melhor esses ritmos. O professor ainda acrescenta que possui a consciência de que sua função não é formar músicos para o mercado de trabalho, declaração essa complementada com o seguinte discurso: “então, eu tenho que mostrar, eu tenho que ouvir, ser crítico, abrir um pouco a visão desses alunos. Só que [...] a gente não pode ficar só falando de música numa aula de música, [...] tem que fazer música”. O posicionamento do professor demonstrado até então corrobora com as análises de Hentschke e Del Ben (2003, p. 181), ao afirmarem que “a educação musical escolar não visa a formação do músico como profissional. Objetiva, entre outras coisas, auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania”.

No que se refere a conteúdos, além do que já foi explicitado

aqui, vê-se que o professor revela ainda um cuidado especial para com os 6º anos, como forma de prepará-los para conhecimentos musicais básicos, como leituras rítmicas e notas musicais. Seu principal foco de concentração está nesse ano específico, pois esse é o primeiro contato desses alunos com a música como disciplina curricular a educação básica, de modo que o professor procura desenvolver conceitos e conhecimentos julgados por ele como básicos para uma futura atuação mais concisa de sua parte. Percebe-se que o professor sugere, mesmo que de modo implícito, que um trabalho a longo prazo na estruturação dessa disciplina é o mais correto para obtenção de resultados mais coerentes com a sua visão de aprendizagem musical. O professor declara inclusive que já traça planos para os anos seguintes, de forma a ampliar as experiências dos alunos, dessa vez com instrumentos musicais.

Como já citado no presente trabalho, o professor procede em dois blocos de conteúdos que abrangem em dois grupos de atividades distintas. Assim, foi possível identificar que nos anos iniciais, 6º e 7º ano, as atividades são voltadas para elementos do fazer musical e da teoria. O professor afirma que o trabalho desenvolvido com essas turmas foi “árduo e intenso” mas com resultados positivos, já que, em suas palavras, “as leituras rítmicas desses alunos são quase perfeitas”. Suas atividades estão agora voltadas para as notas musicais e o canto. O professor salienta a necessidade de ser versátil com esse grupo já que esses alunos desenvolvem-se muito rápido, em especial o 6º ano. Por isso, sempre procura pensar em atividades que deixem a aula mais dinâmica, variando com atividades em grupos com composições rítmicas criadas por eles. Assim, para uma aula ser bem sucedida,

é importante observar não apenas os comportamentos e interações sociais, mas também como o professor estrutura a aula, os conteúdos abordados, seus objetivos e inter-relações, e a implementação e o andamento da aula. A escolha de materiais e tarefas e o planejamento para obter coerência e seqüência lógica, usando uma variedade de configurações e movendo-se, sem atrasos, de atividade em atividade e de tarefa em tarefa, ajudam a manter as crianças em estado de alerta e bem concentradas nas exigências de cada tarefa. (RUSSELL, 2005, p. 86).

Já para as turmas de 8º e 9º, as atividades são voltadas a apreciação e muitos textos sobre os assuntos trabalhados. O professor afirma que procura organizar a aula de modo que 20 minutos sejam usados para os textos e o restante para audições e discussões.

No que concerne à escolha de repertório, o professor Carlos afirma que procura escolher músicas mais atuais como também mostrar outras que os alunos nunca ouviram, no intuito de apresentar novas possibilidades auditivas. Ao citar exemplos sobre as suas escolhas, o professor aponta o trabalho desenvolvido no 9º ano, onde optou por trabalhar música brasileira, pela diversidade de ritmos que temos. Assim, procurou levar músicas com menos influências estrangeiras, mostrando estilos musicais que representam a identidade brasileira, assim como as várias fases de cada um desses estilos, por meio de audições. Contudo, o professor não parece ter trabalhado um repertório tão específico e pensado quanto esse nas demais turmas que leciona.

Por fim, quando perguntado sobre a avaliação, o professor afirma ser um processo complicado, pois a escola em conjunto com a secretaria de educação do estado exige uma formalidade, na qual ele precisa cumprir uma quantidade de avaliações por bimestre, inclusive ministrando provas escritas. Indica ainda que seu trabalho avaliativo contempla um acompanhamento do desenvolvimento da turma durante o bimestre e ainda práticas como provas orais, escritas, auditivas e rítmicas, variando de acordo com a turma e o conteúdo ministrado.

O planejamento na visão do professor: a função ocupada pelo planejamento no trabalho docente

Ao obter uma visão geral de como funciona o processo de planejamento do professor Carlos com relação ao seu trabalho docente na Escola Estadual Machado de Assis, pode-se agora aprofundar um pouco mais em como o planejamento se descortina na perspectiva desse professor.

Quando questionado sobre a importância desse planejamento para sua prática, o professor oferece a seguinte resposta:

na minha realidade eu entendo assim: (existem) dois planejamentos; o meu, que faço todas as aulas, e o que o estado exige [...] O que o estado exige, ele tá ali, e pra mim ele não

serve de nada, assim, pra mim ele não... não importa, é só uma mera formalidade. E já o meu, eu sigo a risca.

Essa declaração apresenta uma contradição, haja vista que o processo de planejamento encontra-se desprovido de significados. Assim, percebe-se que “se não seguir alguns princípios fundamentais e não utilizar técnicas apropriadas à vivência desses princípios, a escrita de planos está fadada a ser uma atividade pouco rentável, completamente inútil ou, até, perigosa.” (GANDIN, 2013, p. 14).

Mateiro e Téo (2003, p. 94) já indicavam que o “ato de planejar [...] quando concebido de forma dura, sem discussões prévias que o flexibilizem enquanto conceito e, também, enquanto prática, torna-se um guia rígido e inacabado”. No caso pesquisado, o professor necessita, então, realizar dois planejamentos para que, assim, possam atender suas necessidades. De acordo com o professor, o planejamento que desenvolve para si próprio é “mais enxuto” do que o obrigatório, e esse sim, consegue utilizar sempre e em todas as aulas e turmas.

Outro ponto destacado pelo professor sobre o planejamento obrigatório é o fato de que, de acordo com eles, as correções feitas pelos responsáveis são apenas de cunho superficial. O professor salienta que os feedbacks realizados pelas coordenadoras pedagógicas são “pobres” já que nenhuma delas possui conhecimento musical para sugerir, auxiliar e corrigir os itens do planejamento, como também não há um currículo que elas possam consultar. Essa falta de orientação e de parâmetros por parte da escola também foi encontrada nas pesquisas de Puerari (2011), onde a escola também não fornecia subsídios para esse planejamento, assim como não indicava um plano mínimo de conhecimentos a serem alcançados pelos alunos. De acordo com Gandin (2013, p. 87-88), a coordenação para uma proposta de planejamento precisa ser ativa e firme, de forma a proporcionar subsídios para um trabalho com identidade. Portanto, a escola que não consegue nem mesmo acompanhar o professor em seu processo pedagógico, mostra apenas uma das várias faces que permeiam a falta de preparo das instituições de ensino para receber a música como componente curricular obrigatório para a educação básica.

Considerações finais

O presente estudo procurou investigar como ocorre o processo de planejamento didático, buscando compreender quais são e como são pensados os itens desse planejamento na prática docente de um professor de música da educação básica. Nesse contexto, a entrevista realizada despontou como um rico instrumento de análise, dando voz ao professor, sinalizando, assim aspectos relevantes na busca por entender como o planejamento vem sendo tratado pelos educadores.

No que se refere à elaboração do planejamento, percebe-se uma falta de estruturação curricular, que prevalece em várias instâncias do planejamento didático. O professor entrevistado aponta para uma falta de orientação de conteúdos e de um currículo base para suas aulas, utilizando, assim, critérios próprios de sua vivência como professor para escolher o que melhor lhe parece. No âmbito do Projeto Político Pedagógico, percebe-se que o professor ainda não se atentou ao fato de que esse documento necessita ser contemplado em sua prática docente, pois não obteve contato com o mesmo durante a estruturação da disciplina.

O discurso do professor mostra-se conciso e coerente ao apontar os parâmetros que estabeleceu à sua proposta pedagógica para o ensino de música. O professor afirma levar em conta as peculiaridades de cada turma e a frequência em que acontecem as aulas, no sentido de proporcionar uma experiência mais cheia de significados para os alunos. Durante sua vivência pedagógica, estabeleceu critérios pautados em suas expectativas de ensino e um sentido de continuidade da disciplina. Além disso, possui uma visão muito interessante e bem fundamentada da função que o ensino da música deve ter na educação básica. Seus critérios para a elaboração de atividades, execução de conteúdos e vivências musicais, bem como de avaliação de seu trabalho aparecem muito bem estabelecidos e pensados em sua fala.

Encontrou-se nessa pesquisa um modelo de planejamento muito parecido com os descritos nos estudos aqui referenciados, que retratam o preenchimento de tabelas nas quais é necessário declarar os objetivos, conteúdos, metodologia, recursos didáticos e avaliação. Contudo, vê-se uma grande discrepância no que é executado e o que é registrado, já que, no caso estudado, o que é descrito nos planos não se aplica na prática pedagógica do professor. Nesse contexto, o

plano de aula é entendido apenas como mera formalidade da escola, para atender uma demanda de obrigações burocráticas exigidas pelos órgãos educacionais. O professor declara realizar dois planejamentos, já que o documento obrigatório exigido pela escola não lhe satisfaz. Essa é uma informação incômoda, já que o planejamento oficializado pela escola está destituído da ideia de antecipar a prática educativa, no sentido de compreender o processo de ensino e aprendizagem de uma forma mais completa. A descrença no planejamento também se faz presente em virtude da falta de orientações, correções e sugestões por parte daqueles que se responsabilizam por isso na escola.

O professor mostrou-se consciente da importância do planejamento, aja vista a necessidade de realizá-lo mais de uma vez, na busca por atender sua realidade em sala de aula. Apesar de um discurso conciso sobre os conteúdos e as formas de se ensinar música, o desânimo com o processo de planejamento proposto pela instituição escolar é perceptível. Não participou dos objetivos desse trabalho averiguar a veracidade desse discurso. É inevitável, contudo, o surgimento de alguns questionamentos. É possível ser um professor de música coerente e comprometido com sua prática pedagógica sem envolver-se com o processo do planejamento didático? É possível desenvolver um trabalho educativo sem se vincular ao Projeto Político Pedagógico da escola? Uma boa intervenção em música não está necessariamente ligada à elaboração do planejamento?

O presente trabalho trouxe informações importantes, que exigem outras pesquisas, com diferentes focos de análise, no intuito de responder os questionamentos e as dúvidas que daqui surgiram, já que o discurso do professor ultrapassou os limites dos objetivos traçados para esse estudo. Sabe-se que o professor em questão, de forma pessoal e específica, planeja, compreende, avalia e reavalia sua prática pedagógica. Contudo, o instrumento de coleta de dados não foi suficiente para averiguar com a profundidade qual o entendimento do professor sobre o planejamento, como esse entendimento influencia sua aplicação prática e suas formas de registro. Desse modo, mais estudos são necessários para averiguar essas relações, bem como a compreensão do planejamento didático, de forma a torná-lo mais funcional, significativo e útil para a prática pedagógica do professor de música da educação básica.

Referências

FREIRE, Vanda Bellard (Org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GANDIN, Danilo. *Planejamento como prática educativa*. 20ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GANDIN, Danilo; CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Planejamento na Sala de Aula*. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Aula de Música: Do Planejamento e Avaliação à Prática Educativa. In.: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Orgs.). *Ensino de Música: proposta para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Ed. Moderna, p. 176 a 189, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 4ª Ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

MATEIRO, Teresa; TÊO, Marcelo. Os relatórios de estágio dos alunos de música como instrumento de análise dos processos de planejamento. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 9, 89-95, set. 2003.

OLIVEIRA, Maria Marli de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PENNA, Maura. A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música. In.: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (orgs.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaberes, p. 13-24, 2012.

PUERARI, Márcia. *Ensinar Música na educação básica: um estudo de caso sobre o processo de escolarização da música na perspectiva de uma professora*. 2011. Dissertação de Mestrado – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34063/000791315.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20 de maio de 2014

ROMANELLI, Guilherme G. B. Planejamento de aulas de estágio. In.: MATEIRO, T.; SOUZA, J. (orgs.). *Práticas de Ensinar Música*. Porto Alegre: Sulina, p. 125-137, 2009.

SAMPIERI, Roberto Hernández, et all. *Metodologia de pesquisa*. 5ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Maria Abadia da. Do Projeto Político do Banco Mundial ao Projeto Político- Pedagógico da Escola Pública Brasileira. In.: *Caderno Cedes*, v. 23, nº 61. Campinas: UNICAMP, p. 283-301, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O Projeto Político Pedagógico: uma construção coletiva. In.: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). *Projeto Político Pedagógico na Escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1995.

RUSSELL, Joan. Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, 73-88, mar. 2005.

Apêndice - Roteiro de entrevista

Identificação do professor:

- Qual a sua formação acadêmica?
- Como é a sua experiência como músico?
- Qual é a sua experiência como professor de música?
- Como é a sua experiência na escola onde leciona atualmente?

(quanto entrou, turmas e turnos que leciona, tempo que está atuando nessa unidade);

Elaboração e estruturação do planejamento em música:

- Como acontece seu processo de planejamento? (Se existe, qual regularidade com que é feito, se e onde é mantido ou arquivado);
 - Com qual objetivo você realiza seu planejamento?
 - O que você acha importante levar em consideração na hora de construir seu planejamento?
 - Como o seu planejamento está relacionado com o projeto político pedagógica da escola?
 - Existe algum parâmetro exigido pela escola para a construção do mesmo? Você é orientado nesse processo? Se sim, quem são os sujeitos envolvidos com o planejamento na escola?
 - Você formaliza o seu planejamento por escrito? Se sim, quais itens (objetivos, conteúdos, atividades, avaliação) você acha importante discriminar? Se possível, fale brevemente sobre cada um desses itens.
 - Como você seleciona e organiza os conteúdos para cada série em que atua?
 - Que tipo de atividades você escolhe para esses alunos e sob quais critérios?
 - Que tipo de repertório musical você escolhe para esses alunos e sob quais critérios? Em sua prática docente, de que forma, você consegue seguir o seu planejamento?
 - Como ocorrem as avaliações em música nessa escola e como elas são descritas no planejamento?
 - Como você definiria o processo de planejamento dentro de sua prática docente?
- Você o considera uma prática importante? Por quê?